

Bibliotecas do passado e do futuro

As bibliotecas são muitas vezes identificadas com o passado. Nesta aproximação depreciativa pode subsistir uma atitude de respeito condescendente; mas é raro que se vá além desse limite.

Esta ideia, que vai ficando arreigada, provém de dois quadrantes diferentes. Deriva, em primeiro lugar, da vertigem tecnológica que levemente se vem instalando e que confunde as (enormes) possibilidades de facilitação que os instrumentos digitais vieram trazer ao trabalho intelectual com o pressuposto (errado) da caducidade de todos os outros meios. Este pensamento revela-se perigoso e chega ao ponto de admitir a dispensabilidade do espírito crítico e do trabalho perseverante, esquecendo que, hoje como ontem, estes dois meios estão na origem das maiores conquistas humanas.

A descrença nas bibliotecas pode ainda vir de um outro setor: refiro-me aos pessimistas radicais, que se deixaram tomar por uma visão sombria do futuro da Humanidade. Para aqueles que proclamam a iminência da catástrofe, as bibliotecas (e também o livro e a razão) não têm nenhuma possibilidade de resistir à barbárie que supostamente se aproxima. Num cenário de puro utilitarismo, as *casas que guardam livros* começaram já a ser vistas como fonte de despesa muito discutível. Por que motivo se haveria de continuar a investir em bibliotecas se nelas persiste apenas justamente aquilo a que as sociedades renunciaram? Num raciocínio de frio pragmatismo, bastariam bancos de dados em ampliação constante, sem o escrutínio e o vínculo de autoria que ainda associamos à *ideia de biblioteca*.

E, no entanto, há quem, trabalhando nas bibliotecas dos nossos dias, continue a acreditar nelas. E não se trata de uma crença corporativa, ditada por um simples instinto de sobrevivência. Mais do que ninguém, os trabalhadores intelectuais valorizam as bibliotecas na base de uma análise fundada e objetiva. É verdade que os serviços por elas prestados se vêm transformando em função dos grandes progressos tecnológicos que assinalam o nosso tempo. Esses progressos, contudo, não desvirtuam o que tem sido essencial no desempenho da missão de preservar, classificar e difundir informação. Pelo contrário: em maior ou menor escala, a chegada do digital apenas ajuda a biblioteca a ir mais longe no serviço que presta aos seus leitores.

O segundo argumento pode ser contrariado com o contributo da perspetiva histórica. Torna-se útil recordar, em primeiro lugar, que as bibliotecas nunca foram apreciadas por todos. Assim sucedeu inclusivamente em algumas universidades, no período que costuma situar-se entre a Idade Média e o século XVIII, quando a sebenta do professor era tida por bastante, excluindo, na prática, o recurso a alternativas ou a fontes autênticas. Não faltam sequer testemunhos de casos em que se vedava aos estudantes o acesso a livros considerados *inconvenientes*, mesmo do ponto de vista científico. Com base nestas realidades, alguns historiadores vão ao ponto de distinguir entre dois tipos de universidades: aquelas que prestigiaram o livro enquanto fonte de autonomia na conquista do conhecimento e aquelas que viam nele um potencial foco inspirador de heterodoxia, a evitar ou a controlar.

A esse propósito, a Universidade de Coimbra não tem de temer comparações. São muitas as indicações que certificam o zelo pelos livros. Existe a Biblioteca Joanina, desde logo; a mesma que foi construída no início do século XVIII, bem antes do advento das Luzes, representando, na sua funcionalidade e no seu aparato, um enorme investimento e uma evidente celebração do esforço intelectual.

A ponto de numa das inscrições latinas que figuram no pórtico da Livraria, se falar numa *fortaleza da sapiência*, que só pode ser conquistada tendo os livros por *capitães*. E existe a própria Biblioteca Geral, construída no âmbito da reconversão dos edifícios universitários iniciada na década de 40 do século passado. Na mesma linha do que tinha sucedido com a edificação da Joanina, também a transformação da antiga Faculdade de Letras na biblioteca moderna que viria a ser aberta ao público em 19 de março de 1962, representa um ato de vontade assinalável por parte de uma Universidade que nunca abandonou a crença nos livros.

Um outro sinal dessa crença, decerto menos notado, é a manutenção em Coimbra de uma verdadeira escola consagrada à bibliofilia e aos estudos biblioteconómicos. São muitos os nomes do passado que, em Coimbra, se distinguiram nesse campo de pesquisa. E quando, em tempo de menos apreço pela memória dos livros, se poderia pensar que esse interesse pudesse ter esmorecido, verificamos que perduram os sinais dessa boa tradição. E é justo fazer notar que esses sinais aproximam a nossa Universidade do exemplo de outras grandes universidades europeias onde a valorização do livro reflete a valorização do sentido crítico, honesto e racional.

Consideradas na sua valia patrimonial, as bibliotecas continuam a desempenhar um importante papel diferenciador. De tal forma que, na inevitável avaliação competitiva que hoje prevalece nos planos nacional e internacional, as bibliotecas de Coimbra asseguram um lugar de honra à Universidade. Este valor acrescentado começa por ser uma consequência da amplitude e da riqueza de fundos constituídos ao longo dos séculos em que Coimbra deteve o monopólio do Ensino Superior em todo o espaço do império. Mas resulta também de uma sensibilidade especial aos livros e ao reconhecimento da sua utilidade no passado, no presente e no futuro.

Um reflexo indireto desse mesmo apreço é a história deste *Boletim*, que foi fundado em 1914 e agora alcança o volume 49. Ao

longo de décadas, nele se publicaram notícias, peças de divulgação, relatórios e materiais de investigação muito diversos, assinados por nomes destacados da biblioteconomia nacional e internacional.

Assim sucede mais uma vez com a presente edição. Tal como o número 44, também este volume é dedicado a um só tema. Trata-se, desta vez, de um estudo levado a cabo por duas bibliotecárias que contam já com mais de duas décadas e meia de trabalho dedicado ao Livro Antigo. Por via da sua especialização, Maria José Ótão e Maria de Fátima Bogalho lidam diariamente com o que de mais precioso existe no nosso acervo, reconhecendo, identificando e descobrindo documentos de vários tipos.

Para além das suas tarefas correntes, já de si exigentes em termos de tempo e de qualificação continuada, as referidas bibliotecárias encontram ainda tempo e gosto para se dedicarem à pesquisa. Não é a primeira vez que trazem a público o resultado da sua investigação. Desta vez, foram atraídas pela história de uma das muitas livrarias que existiram nos colégios universitários de Coimbra até ao primeiro terço do século XIX: a Livraria do Colégio de Santo António da Pedreira.

O presente trabalho caracteriza-se pela novidade e pelo rigor. O seu mérito maior, contudo, é o de abrir possibilidades de diálogo com outras pesquisas que vêm sendo desenvolvidas por toda a Europa sobre os acervos das bibliotecas históricas. São numerosos e reveladores os dados agora inventariados, obrigando, em alguns casos, a rever ideias feitas sobre o que era o trabalho desenvolvido nas antigas universidades europeias. Que num colégio de média dimensão houvesse uma biblioteca ampla e diversa, com cerca de 2000 volumes, editados entre finais do século XV (é o caso de um precioso incunábulo milanês, que hoje se encontra nos reservados da Biblioteca Geral) e finais do século XVIII contraria o preconceito do *obscurantismo sistemático* que tantas vezes se associa à vida universitária da época.

É sabido que a história de uma Universidade não pode fazer-se sem ter em conta a dinâmica das bibliotecas que a foram integrando ao longo do tempo. Mas é igualmente verdade que as boas universidades de hoje se distinguem pela forma como encaram o futuro dessas mesmas bibliotecas. Tendo podido contactar de perto com os profissionais da Biblioteca Geral ao longo dos oito anos em que exerci o cargo de Diretor e sabendo do especial carinho que o Livro Antigo continua a merecer em Coimbra por parte de uma equipa operosa e devotada, acredito que, também a este respeito, a Universidade vai continuar a seguir os melhores exemplos que subsistem na Europa e no mundo.

José Augusto Cardoso Bernardes

(Diretor da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra)